

# A LITERATURA DOS IMIGRANTES ALEMÃES DO VALE DO ITAJAÍ

## THE LITERATURE OF ITAJAI VALLEY'S GERMAN IMMIGRANTS

**Valburga Huber**

Doutora em Letras - Língua e Literatura Alemã pela Universidade de São Paulo (USP)  
Mestre em Letras - Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
Graduada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR)  
Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
vhuber@globo.com

### RESUMO

Os imigrantes alemães do sul do Brasil produziram uma Literatura própria - chamada teuto-brasileira - por quase um século, de 1840/50 a 1940 - período da Segunda Guerra Mundial -. Entre as levas de imigrantes, a maioria agricultores e artesãos, havia também intelectuais, professores, pesquisadores, que iniciaram jornais, anuários e revistas que veicularam esta literatura, cuja temática inicial foi a própria imigração, o encantamento com a paisagem brasileira, a vida nas colônias alemãs e a lenta integração à nova terra. Escrita pelo imigrante para o imigrante e seus descendentes, queria manter vivo o "Deutschtum" - patrimônio cultural alemão - sobretudo a língua base, identidade deste grupo étnico. Aos poucos, ela tingiu-se de cores locais e expressa o "Deutschbrasilianertum" - patrimônio cultural teuto-brasileiro, usando o alemão padrão (Hochdeutsch) com algumas importações lingüísticas, sobretudo para a fauna e a flora brasileira. Trata-se de uma lírica e prosa de considerável público, tendo alguns livros feito sucesso, inclusive, na Alemanha. É o caso de "*Am Rande des brasilianischen Urwaldes*" (Na orla da mata virgem brasileira) de Therese Stutzer, que viveu em Blumenau, e também poetas como Rudolf Damm, Viktor Schleiff (1950), e Georg Knoll (1923), entre outros. Na segunda geração destacam-se Gertrud Gross-Hering (1922), Emma Deeke (1922) e José Deeke, entre outros. Atualmente, a literatura alemã tem sido objeto de freqüentes estudos.

**Palavras - chave:** Imigração. Dualismo. Velho e Novo Mundo. Saudade. Esperança.

Colônias Alemãs.

## ABSTRACT

The German immigrants in southern Brazil produced their own literature - called German-Brazilian - for almost a century, from 1840-50 to 1940 (World War II). Among the waves of immigrants, mostly farmers and artisans, there were also intellectuals, teachers, researchers, who started newspapers, yearbooks and magazines issuing this literature, whose initial subject was the immigration itself, the enchantment with the Brazilian landscape, life in German colonies and the slow integration in the new land. Written by the immigrant to immigrant and their descendants, wanted to keep alive the “Deutschtum” - German cultural heritage - especially the language, basic identity of this ethnic group. Gradually, it dyes with the local color and expresses the “Deutschbrasilianertum” - German-Brazilian cultural heritage, using the German standard (Hochdeutsch) with some linguistic imports, especially to the Brazilian flora and fauna. This is about a lyric and prose of a considerable public, and having some books that become successful even in Germany. It's the case of “Am Rande des brasilianischen Urwaldes” (On the edge of the Brazilian virgin forest) of Therese Mr Stutzer, who lived in Blumenau, where also lived poets as Rudolf Damm, Viktor Schleiff (1950), and Georg Knoll (1923), among others. In the second-generation stand out Gertrud Gross-Hering (1922), Emma Deeke (1922) and Jose Deeke, among others. Nowadays, German literature has been the object of frequently studies.

**Key words:** Immigration. Dualism. Old and New. World. Longing. Hope. German Colonies.

É sempre interessante retomar, revisitar a Literatura escrita em alemão, por quase um século, no Vale do Itajaí. As literaturas de imigração vêm sendo sempre mais estudadas no Brasil, embora o interesse por elas tenha sido, segundo Boris Fausto, no seu livro *Fazer a América*, um interesse “tardio”, uma vez que o tema da abolição da escravatura e das migrações internas ocuparam grande espaço na Literatura.

Minha primeira incursão nesta seara foi meu livro: *Saudade e Esperança – O dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura*, publicado pela Editora da FURB-IBGE – Fundação Universidade Regional de Blumenau, em 1993. Abordamos pela primeira vez este tema de forma mais abrangente, já estudado em estudos esparsos. Nele estudamos as obras de autores alemães e teuto-brasileiros como Viktor Schleiff (1950), Georg Knoll (1923), Rudolf Damm (poetas) e Gertrud Gross-Hering (1922), Emma Deeke (1922), Therese Stutzer

e José Deeke (romancistas), sob o prisma do dualismo, sua característica básica. Isto foi feito dentro de uma visão geral da literatura teuto-brasileira no Sul do Brasil, dos primórdios da colonização até a Segunda Guerra Mundial, tendo sido este trabalho o primeiro levantamento e a primeira análise da produção literária destes escritores. Serviu como abridor de caminhos para diversos estudiosos e pesquisadores, pois as novas gerações voltam-se sempre mais para o resgate das suas origens.

Estudei depois, os autores da região de Joinville, sendo os mais expressivos: Ernst Niemeyer (1927), Wolfgang Ammon e Elly Herkenhoff. Na minha Tese de Doutorado na USP – que será publicada em breve – abordei a imagem do Brasil presente na literatura teuto-brasileira produzida em alemão por autores de três gerações fazendo uma ponte com os descendentes renomados no modernismo brasileiro: Raul Bopp e Augusto Meyer. Há igualmente motivos no contexto mundial para o despertar deste interesse pelas literaturas de imigração. Há um crescente desvio, nas últimas décadas, do foco de atenção da Literatura Comparada, por exemplo, para os pólos periféricos, até mesmo marginais como China, Índia e outros países na Ásia, África e América Latina. Este questionamento chamou também atenção para as questões de identidade nacional e cultural que devem incluir as minorias étnicas, pois tudo passa a ser visto por uma ótica plural. Ele assinala que na América Latina, por exemplo, reivindica-se a inclusão de produções esquecidas ou marginalizadas como, entre outras, as das línguas indígenas ainda vivas e, nos Estados Unidos, das minorias hispânicas e sexuais, por exemplo.

A nosso ver, enquadram-se nesta linha de pensamento as diversas literaturas de imigração do Brasil, como a teuto-brasileira, essencial, ente importante para a questão da identidade cultural das regiões onde ela surgiu, como é o caso do Vale do Itajaí. Ao formularmos, portanto, perguntas fundamentais como: o que somos nós? qual a nossa identidade cultural? Deparamo-nos com a pluralidade étnica do Brasil, e dentro desta pluralidade, estão imigrantes de etnias diversas e o seu papel na formação dessa identidade. Investigando, neste trabalho, a imagem do Brasil do imigrante alemão, estamos inseridos nesta questão maior, que é a definição – como algo que está em movimento, em formação – da brasilidade.

Para melhor se entender a literatura teuto-brasileira, temos que colocá-la no contexto histórico da imigração e colonização alemã no Brasil. Seguindo diversos estudos, como os de Giralda Seyferth (1982), vemos que os alemães participam do processo de colonização desde a fundação da primeira colônia na Bahia, em 1818, e o fluxo imigratório estende-se de 1824 à

década de 1930. Apesar de sua presença significativa em cidades como São Paulo, Porto Alegre e Curitiba, a maioria encontra-se engajada em projetos baseados na pequena propriedade familiar, nas zonas rurais da região Sul.

A partir de 1824, grupos de imigrantes de língua alemã chegam ao Sul do país, época da fundação da colônia agrícola de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, marco inicial do processo de colonização alemã. Os alemães passam a entrar sistematicamente no Brasil na segunda metade do século XIX e Willems (1946), por exemplo, leva em conta a etnia definida lingüisticamente para chegar ao número máximo de cerca de 500 mil imigrantes de língua alemã, desde os primórdios a 1940, sendo que esse número inclui também imigrantes da Áustria, Rússia, Polônia, Tcheco-Eslováquia e Suíça. Os períodos de auge da emigração foram a revolução frustrada de 1948 e a era de Bismarck, ambos marcados por grande repressão política.

Mesmo menor em relação a outros grupos étnicos como o italiano e o espanhol, sua importância no contexto imigratório brasileiro, contudo, tem a ver com a forma de participação no povoamento dos três estados do Sul do país, que ocorre em zonas pioneiras, e com a formação cultural de comunidades com traços específicos. Esta especificidade étnica, visível também na organização comunitária dos imigrantes que se dirigem para centros urbanos, chama a atenção dos nacionalistas brasileiros e cria situações de conflito que perduram até a década de 1940, tendo os pontos altos mais críticos sido alcançados, naturalmente, na época das duas Guerras Mundiais.

Em termos históricos, podemos ver que a primeira fase da colonização começa em 1818, com a fracassada colônia Leopoldina– nome da imperatriz que estimulou a imigração alemã, na Bahia, seguido da fundação de Nova Friburgo na região serrana do Rio de Janeiro, (1819), por imigrantes suíços. Mas é em 1824, com a fundação da bem sucedida colônia de São Leopoldo no Rio Grande do Sul, que se inicia a imigração oficial, seguida de diversas outras colônias no Rio Grande do Sul e também em Santa Catarina e no Paraná, além de outras, mais esparsas, em Minas, São Paulo e Espírito Santo. Em Santa Catarina são povoadas das principais bacias hidrográficas, os conhecidos "vales" de imigrantes alemães, como o Vale do Itajaí, Vale do Cachoeira e outros.

A localização das colônias alemãs revela os interesses mais diretos da política de colonização com imigrantes, que era povoar terras devolutas, consideradas mais apropriadas à instalação de colonos estrangeiros livres e europeus, ou seja, brancos, num processo controlado pelo Estado. Nestas terras os imigrantes ficam isolados em zonas pioneiras não

ocupadas pela grande propriedade. Após 1850, o governo imperial passa a responsabilidade da colonização às províncias e entram em cena as companhias particulares de colonização. A continuidade da ação dos agenciadores durante o Império e a propaganda oficial das empresas particulares de colonização atrai principalmente camponeses, mas também trabalhadores urbanos e artífices, em busca de melhores condições de vida (ser "proprietário"). Atraem também professores, artesãos, operários, refugiados políticos e até indivíduos com recursos financeiros para dedicar-se a atividades comerciais e industriais.

Como as colônias têm planejamento cuidadoso, mas na maioria delas não há demarcação prévia de linhas e lotes, este trabalho é realizado com a própria mão-de-obra dos imigrantes-colonos e consiste na abertura de picadas ou linhas, na construção de pontes e pontilhões, estradas, colocação de marcos divisórios, edificação de alojamentos públicos e outras obras (o que auxilia o imigrante a pagar sua dívida). Nos relatos e histórias de vida dos imigrantes, na documentação oficial e também nas narrativas da literatura teuto-brasileira, ao longo do processo de colonização, são descritos conflitos de terra, o cansaço para derrubar a mata e cultivar os lotes sem usar os métodos tradicionais europeus. Problemas como o povoamento disperso, a precariedade das estradas e o transporte, das doenças e enchentes, o endividamento e a dependência em relação aos comerciantes estabelecidos, entre outros. As dificuldades enfrentadas, ao longo do período de ocupação territorial ajudam a elaborar a figura do "pioneiro" – como desbravador da floresta e o fundador das colônias alemãs – que aparece freqüentemente como tema da literatura teuto-brasileira.

Superada a fase pioneira, formam-se as colônias baseadas na pequena propriedade familiar, caracterizada pela policultura, pela criação de animais e produção artesanal. Aos poucos, toma forma uma classe média rural de pequenos produtores, surge a pequena indústria familiar, artesanal, que prolifera até a década de 1940, sendo a industrialização iniciada em diversos núcleos urbanos em fins do século XIX (indústria têxtil e metalúrgica, couro, cerâmica etc.).

A concentração em áreas restritas, isoladas da sociedade brasileira, facilita a manutenção dos costumes e o uso cotidiano da língua alemã. A carência de serviços públicos leva à formação de uma organização assistencial comunitária e à criação de uma rede escolar particular a "escola alemã". Criada para atender às necessidades de ensino elementar da população estrangeira, aos poucos vai tomando feições étnicas, tornando-se um instrumento de germanidade e de perpetuação da língua e da cultura alemã, o que também está na base das associações culturais, recreativas, esportivas e mesmo religiosas que representam o que se

conhece por "Deutschtum". Estas feições contribuem para que, durante as duas Guerras Mundiais se fale, em relação às colônias, no "perigo alemão". No "Deutschtum" (patrimônio cultural alemão) está em primeiro lugar a língua, traço fundamental da identidade alemã, a raça e o sangue ou origem étnica. Todo esse conjunto deve ser preservado ao lado dos deveres para com a nova terra dentro da cidadania brasileira. Aos poucos se veicula um patrimônio cultural misto chamado "Brasilianisches Deutschtum" ou "Deutschbrasilianertum" (Patrimônio cultural teuto-brasileiro). Nele coexiste o amor à "Urheimat" (pátria de origem), a Alemanha, e também ao Brasil, já que os critérios de nacionalidade alemã vêem isto como normal, o que, porém, traz conflitos em épocas de confronto bélico, como ocorreu nas duas Guerras Mundiais.

Os jornais mais antigos surgem na década de 1850 e têm duração efêmera (como o "Der Kolonist" em Porto Alegre e o "Der Einwanderer" no Rio de Janeiro). O primeiro jornal importante e de grande prestígio, o jornal "Kolonie Zeitung" é fundado em Joinville, Santa Catarina, por Ottokar Dörffel, um refugiado político que havia participado, na Alemanha, da Revolução de 1848 e circula de 1861 até 1939. Em Porto Alegre, o jornal "Deutsche Zeitung" começa a circular em 1861 e, em 1864 passa a ser dirigido pelo mais influente político teuto-brasileiro do Império, Karl Von Koseritz, que, em 1882, cria outro jornal de grande prestígio, o "Koseritz Deutsche Zeitung" que também circula até a época da nacionalização. Muitos outros jornais passam a circular pelo Sul do Brasil como, por exemplo, "Deutsches Volksblatt" (Diário popular alemão), Porto Alegre; o "Blumenauer Zeitung e o "Urwaldsbote" (Jornal de Blumenau e Mensageiro da Selva), Blumenau - SC; o "Serra-Post", Ijuí - RS, para citar apenas alguns. Revistas também vêm a lume e entre elas destacam-se as religiosas como a "SKT Paulusblatt" (Folheto de S. Paulo) e a "Sonntagsblatt für die evangelischen Gemeinden in Brasilien" (Folha dominical para as comunidades evangélicas no Brasil).

Os primeiros almanaques ou anuários datam da década de 1870 e são os veículos de comunicação mais populares e abordam assuntos diversos, inclusive traduções para o alemão de textos de autores brasileiros, principalmente poesias, divulgação de contos e romances de autores alemães e teuto-brasileiros, além de muitas informações práticas destinadas aos colonos. De fato, estes "Volkskalender" tornam-se muito populares e chegam a atingir quase toda a população teuto-brasileira (com volumes com mais de 200 páginas e tiragens que ultrapassam os doze mil exemplares como em 1931, por exemplo). Destacam-se o "Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien" (a partir de 1874 em Porto Alegre) fundado por Karl Von Koseritz e o "Kalender für die Deutschen in Brasilien" (publicado desde 1881 pela

editora Rotermund de São Leopoldo) que é o mais conhecido em todo o Sul do Brasil. Estes anuários são seguidos por muitos outros como o "Der Familienfreund" (O amigo da família), o "Serra-Post Kalender", (Anuário do Correio Serrano), Ijuí - RS; o "Kalender für die evangelischen Gemeinden" (Anuário para as comunidades evangélicas), S.Leopoldo e o "Luther-Kalender für Südamerika" (Anuário Luterano para a América do Sul), Porto Alegre. Na década de trinta surgem, ainda, em São Paulo, publicações vinculadas ao Partido Nazista, como é o caso do almanaque "Volk und Heimat", editado de 1935 a 1938. A atividade de todos foi encerrada quando a campanha de nacionalização do Estado Novo proíbe o uso do idioma alemão no Brasil.

São os almanaques ou anuários (e menos intensamente, publicações literárias em forma de brochuras e os jornais), os principais divulgadores da literatura teuto-brasileira, sobretudo no Sul, cuja temática mais constante é a imigração, a vida cotidiana nas colônias, o dualismo, ou seja, o sentimento de divisão entre duas pátrias, mas que, aos poucos, vai acentuando o afeto em relação ao Brasil. Essa literatura, que expressa o "Bodenständigkeitsgefühl", ou sentimento de apego ao solo, nos termos de Kuder (1937), não foi adequadamente valorizada, em termos estéticos, inclusive por utilizar uma linguagem teuto-brasileira com importações lingüísticas do português, o que ocorre mais na prosa do que na poesia. Seu valor residia em parte considerável, pensavam vários pesquisadores, no seu aspecto histórico e sociológico. Estudiosos como Erich Fausel, Werner Aulich (1966) e Marion Fleischer, contudo, chamam a atenção para as qualidades estéticas desta literatura, como um fenômeno *sui generis*.

Werner Aulich (1966) fundamenta sua argumentação em defesa do valor estético da literatura teuto-brasileira, no que ele denomina *pathos* dos imigrantes. Segundo ele, qualquer emigração encerra uma realidade objetiva, única e concreta, que é um marco na vida de cada emigrante. Há uma cesura, um corte em todas as esferas da vida da pessoa, a começar pela genealógica. Este corte é muito profundo e as reações a ele são as mais diversas, mas ele sempre deixa marcas indeléveis na personalidade, nas reações, nas características, bem como nas transformações pessoais que constituem os aspectos mais importantes da espiritualidade teuto-brasileira. Esta espiritualidade está no cerne da literatura dos imigrantes, que só pode ser entendida a partir dela. O que caracteriza os escritores desta literatura é a força da face subjetiva da imigração. As experiências pessoais, ou de pessoas próximas, são importante material narrativo. A imigração, portanto, como fato objetivo e subjetivo é a principal temática e também a força plasmadora das formas de expressão da literatura teuto-brasileira.

No seu estudo, Werner Aulich (1966) mostra que os escritores teuto-brasileiros estão sujeitos a este *phatos* em alto grau, pois é através dele que se tornam escritores e têm suas características européias buriladas e transformadas. Entre o escritor e o leitor, o *phatos* da emigração funciona como um elo, pois ambos passaram pela experiência da emigração, o que não é facilmente compreendido pelos que não tiveram a mesma vivência. Trata-se, sem dúvida, de uma literatura do imigrante para o imigrante.

A primeira geração de escritores, ao tomar a própria imigração, com sua cisão, dualismo, vivência em dois mundos, como tema básico, canta-se na lírica, sobretudo, abordando o passado, a saudade, a antiga pátria, mas, ao mesmo tempo, exalta-se a nova terra, da qual eles trouxeram uma imagem paradisíaca. Essa imagem já existia na literatura dos viajantes alemães, bem como nas canções populares em voga na época da emigração e eles a trazem no seu imaginário. Mesmo alterando-se com a vivência na nova terra, ela é ainda portadora de fortes traços edênicos que se apresentam em nuances diversas na primeira geração de escritores. A natureza da terra brasileira é o solo primordial, uma espécie de paraíso terrestre, e diante dela o imigrante sente encantamento e fascínio. Ele exalta, em sua literatura, os aspectos físicos dessa natureza exótica, suas belezas naturais, riquezas e vida aprazível, sua vastidão e a liberdade que nela desfruta. Esse paraíso natural, porém, também apresenta os perigos da selva – o “Urwald” – e precisa da mão do homem para ser transformado em lar, em nova pátria. Ao paraíso terrestre natural justapõe-se, então, a imagem do paraíso construído, a colônia alemã, pequeno Éden ou Canaã. A primeira geração de escritores da literatura teuto-brasileira canta, pois, os dois paraísos: um, dádiva da natureza, e o outro, fruto do seu próprio trabalho, da “Tatkraft” alemã.

A segunda geração expressa o desejo crescente de integração à nova terra, num sentimento de afeto sempre maior por essa terra que ela deseja louvar com uma literatura própria. É a geração que quer ter uma literatura própria, que é produzida numa outra realidade e traz em seu cerne duas culturas: a alemã e a brasileira. Por isso, ela expressa não só o “Deutschtum”, mas sim o “Deutschbrasilianertum”, ou seja, o patrimônio cultural teuto-brasileiro. A sua imagem do Brasil ainda é edênica, mas o paraíso construído é muito exaltado e ele tem a sua cultura e literatura próprias. Têm-se consciência do processo de aculturação e busca-se preservação da cultura ancestral, sobretudo a língua. Deseja ter uma literatura própria, teuto-brasileira, sendo Ernst Niemeyer (1927) seu grande defensor, além de outros.

A terceira geração é a dos escritores descendentes de alemães já integrados, que resgatam o tema da imigração em suas obras sem o enfoque tão forte em sentimentos que estão implícitos no movimento de emigrar. Há ideais mais amplos, temas mais diversificados.

Com o movimento da “nacionalização” (1939) com a proibição do idioma alemão desmantela-se este patrimônio cultural com grandes traumas, que só recentemente estão sendo avaliados e pesquisados. Instaura-se uma lacuna cultural das “cidades alemãs” e só muito lentamente volta-se a escrever neste idioma.

Todavia, Roche (1969) assinala que a resistência aos avanços do nazismo parte, também, dos meios teuto-brasileiros e, não obstante a extensão e a importância de seus esforços, os propagandistas do nazismo não fazem vibrar a população das colônias como a das cidades grande. Contudo, é inegável que esta propaganda tenha causado efervescência étnica e até mesmo entusiasmo pela sua vinculação ao desenvolvimento da Alemanha após sua grande crise econômica. Com a proibição do uso do idioma alemão em qualquer atividade cultural ou social, bem como o fechamento de todas as escolas alemãs em 1939, esse patrimônio cultural misto é desmantelado, depois de quase um século de florescimento. Após o movimento da Nacionalização, portanto, há uma lacuna cultural, e só lentamente volta-se a escrever em alemão, mas são poucos os veículos de divulgação que sobrevivem à Segunda Guerra Mundial e esta literatura reaparece, bem mais frágil, geralmente nas cidades maiores.

Os poetas que viveram em Blumenau tematizaram igualmente a primeira fase do dualismo com suas poesias sobre saudade, recordações da antiga pátria, mas convivendo com o louvor à nova terra e sua exuberância e referindo-se à colônia alemã como ao novo lar, à nova pátria (“Heimat”). Entre um grande número de poesias dos três poetas mais conhecidos, que viveram no Vale do Itajaí – Viktor Schleiff (1950), Rudolf Damm e Georg Knoll (1923) – usaremos a seguir algumas como ilustrações, por vezes, apenas partes dos poemas.

O poema "No planalto" (Im Hochland), de Knoll (1923), por exemplo, celebra os aspectos aprazíveis da região associada ao lugar ameno:

Escutas o farfalhar da copa das palmeiras	<i>Hörst du der Palmen Wipfel Rauschen</i>
Quando uma brisa a atravessa, Vieste escutar alguma vez o sabiá, Quando feliz entoava a sua canção de amor?	<i>Wenn durch sie eine Briese zieht, Kamst du einmal der Amsel lauschen, Als froh sie sang ihr Liebenslied?</i>
Docemente corre o rio pelas verdes Campinas E em toda a parte os rastros da primavera Um ressuscitar no campo e no mato. O ar é puro, o céu azuleja,	<i>Sanft fließt der Bach durch grüne Fluren Und überall des Frühlings Spuren Eine Aufersteh'n in Feld und Hain. Die Luft ist rein, der Himmel blauet,</i>
Em minha volta um mar de flores, Os olhos miram extasiados À rica beleza ao redor.	<i>Um mich herum ein Blütenmeer, Das Auge wonnetrunken schauet Die reiche Schönheit ringsumher</i>

Em "Felicidade" (Das Glück), Knoll (1923) celebra e engrandece a vida no campo, a colônia como um lugar especial, cercado de paz e tranqüilidade:

A casinha na campina  
Pintada de branco e verde  
Ladeada por um galpão,  
No jardim florescem rosas.

.....

Uma paz sobre montanhas e planícies  
É solene paz domingueira!  
Tu procuras a felicidade nesta terra,  
Aceitas muitas decepções.

Para que então todos estes sofrimentos

*Das kleine Haus dort in der Weide  
Gestrichen ist es weiss und grün  
Ein Schuppen steht an seiner Seite,  
Im Vorgärtchen Rosen blüh'n*

.....

*Ein Friede über Berg und Heide  
Und feierliche Sonntagsruh!  
Du suchst das Glück auf dieser Erde,  
Nimmst viel Enttäuschung in den Kauf,*

*Wozu denn alle die Beschwerde*

No poema, "Blumenau", Viktor Schleiff (1950) descreve a prosperidade da colônia alemã, também com traços edênicos:

Como uma ilha ali está Blumenau  
Em meio a um mar de jardins  
O largo rio refletindo-se no céu azul  
Onde a palmeira real balança suas folhas.

.....

Uma ilha de felicidade é este vale  
Onde a vida flui sem preocupação ou sofrimento  
Onde a mesa está sempre posta  
E a semana toda é uma festa.

*Wie eine Insel liegt dies Blumenau  
Im Meere schöner Gärten, angeschmiegt  
Dem breiten Fluß, an dem im Himmelsblau  
Die Königspalme ihre Wedel wiegt.*

.....

*Des Glückes Insel scheint dies Schöne Tal,  
Wo ohne Sorg' das Leben sonder Plage  
Wo stets der Tisch gedeckt zum Freudenmahl  
Wo jede Woche sieben Feiertage.*

A escritora Gertrud Gross-Hering (1922) descreve Blumenau no seu romance *Durch Irrtum zur Wahrheit* (Do erro à verdade), como um lugar ameno e tranqüilo:

Do cemitério evangélico descortinava-se para eles uma vista maravilhosa em quase todas as direções do Vale do Itajaí. Como um fio de prata largo, o rio se arrastava entre as margens verdes. Por longo tempo os dois deixaram-se ficar ali sob as palmeiras e árvores da vida do belo cemitério, completamente imersos no quadro pacífico que vislumbravam até que o relógio da Igreja anunciou nove horas da manhã. Então dirigiram-se novamente em direção ao vale.

Von evangelischen Kirchhof aus genossen sie eine herrliche Aussicht nach fast allen Seiten des Itajay – Tales. Wie ein breiter Silberstreifen zog sich der Fluß zwischen den grünen Ufern hin. Lange standen die beiden unter den Palmen und Lebensbäumem ..... ganz versunken in das friedliche Bild vor ihren Augen, bis die Turmuhr der nahen Kirch die neunte Morgenstunde verkündete. Da lenkten sie ihre Schritte wieder talwärts..

As árvores que oferecem sombra aos personagens são as palmeiras e as outras árvores frondosas são símbolos de vida, que formam a antítese do cemitério, lugar do mortos. Os clichês românticos são comuns: rio como "fio de prata" na paisagem verde.

Em *Liebe und Pflicht*, Emma Deeke (1922), outra escritora importante de Blumenau, descreve com sensibilidade, as belezas da natureza circundante:

Lá fora reinava uma manhã de primavera, clara e seca. O mundo sorridente, como que coberto de ouro, jazia em silêncio. Incontáveis bandos de andorinhas cruzavam o silêncio do céu em festivos gorjeios, enquanto banhavam suas penas no brilho do sol. Lá embaixo, no jardim estavam as laranjeiras em flor. Um perfume inebriante alcançava a janela. E novamente as conversas das crianças soavam como pequenas cascatas. Neste momento o sol surgiu brilhante e dourado lá fora. Dourada, a luz penetrava pelas janelas triplas até a mesa faustosamente posta. Mas esta claridade não irradiava só dessa luz natural, ela vinha também do sol interior que, devagarinho, imperceptivelmente, iluminava o rosto de todos os presentes.

Draussen war ein klarer herber Frühlingsmorgen. Wie mit Gold übergossen, lautem Gezwitzcher lag die Welt lächelnd. Unzählige Schwalbenschwärme durchkreisten in den lichten Aether, gleichsam ihr glänzendes Gefieder im Sonnenschein. Orangenbäume in voller Blüte; betäubender Wohlgeruch drang bis zum Zimmer herauf....Und wieder schwatzten die Buben wie kleine Wasserfälle. Dazu schien draussen hell und goldig die Sonne; Goldig flutete das warme Licht durch die hohen breiten dreiteiligen Fenster auf den reichgedeckten Eßtisch nieder. Aber nicht nur von diesem Lichte ging die Verklärung aus, sondern der innere Sonnenschein war es, der langsam, ganz unbewusst die Gesichter aller Anwesenden verklärte

O Vale do Itajaí possui, portanto, toda uma literatura em língua alemã, tem suas belezas e contrastes descritos e cantados em prosa e verso por um grupo considerável de escritores imigrantes e descendentes.

Ler esses poetas e romancistas, traduzi-los, resgatá-los é também uma volta às raízes alemãs, fundamental para a revalorização da língua na região.

Valorizar o bilingüismo, mesmo o linguajar simples dos filhos de colonos, é igualmente um trabalho importante neste resgate das origens e no processo de construção da própria identidade.

## REFERÊNCIAS

### FONTES PRIMÁRIAS:

DEEKE, Emma. *Liebe und Pflicht*. In: *Kalender für die Deutschen in Brasilien*. Porto Alegre: Rotermond, 1922.

GROSS-HERING, Gertrud. *Durch Irrtum zur Wahrheit*. Blumenau, G.A, Köhler, 1922.

\_\_\_\_\_. *Cruzeiros do Sul*. Florianópolis: Lunardelli, 1989.

KNOLL, Georg. *Das Glück*. In: KDB, 1923.

\_\_\_\_\_. *Im Hochland*. In: KDB:, 1923.

NIEMEYER, E. *Teutonen Literatur*. In: KDB, 1927.

SCHLEIFF, V. Heimweh, Die Ersten Einwanderer, Blumenau, Alte und neue Heimat. In: *Gedenkbuch zur Jahrhundertfeier der deutschen Einwanderung*. Blumenauense, 1950.

## FONTES SECUNDÁRIAS:

AULICH, Werner. Von Pathos der Auswanderer. In: *Staden Jarbuch*. S.Paulo: Inst.Hans Staden, 1966.

FAUSTO, Boris (org.). *Fazer a América – a imigração em massa para a América Latina*. S. Paulo: Memorial/EDUSP, 1999.

FOUQUET, C. *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil*. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1974.

HUBER, Valburga. Saudade e Esperança. *O dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura*. Blumenau, Ed.da FURB.,1993

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969, 2 vs.

KALENDER FÜR DIE DEUTSCHEN IN BRASILIEN. São Lopoldo: Rötermund, 1881-1918, 1920-1941.

KUDER, Manfred. *Die Deutschbrasilianische Literatur und das Bodenständigkeitsgefühl der deutschen Volksgruppe in Brasilien*. Berlim: Ed. Ferd. Dümmler, 1937.

SEIFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: FCC, Ed., 1982.

\_\_\_\_\_. A colonização alemã no Brasil: Etnicidade e conflito. In: *Fazer a América – a imigração em massa para a América Latina*. São Paulo: Memorial/EDUSP, 1999.

SOUSA, Celeste H.M.R. de. *Retratos do Brasil*. Hetero-imagens alemãs do Brasil. São Paulo: Arte e Cultura, 1996.

WILLEMS, Emilio. *Aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. São Paulo: Cia.Ed. Nacional, 1946.